

Ecomapa no Projeto Pescar: Protagonizando adolescentes ¹

Franciane Barbara da Silva²

André Amorim Martins³

Resumo: O presente artigo foi realizado através de uma pesquisa de campo com as famílias do Projeto Pescar, unidade Divinópolis (MG). O Projeto Pescar é uma organização social que tem como objetivo capacitar jovens em estado de vulnerabilidade social. A coleta de dados foi realizada com o ecomapa e genograma, instrumentos de avaliação familiar que identificam as relações e ligações da família com o meio onde ela habita. O objetivo é que, através dessas ferramentas, seja realizada uma análise de traços significativos e em comum nas famílias dos adolescentes participantes do projeto. Neste sentido, foram discutidas questões encontradas na pesquisa, como família, periferia e condição financeira. Diante desses aspectos, discutiu-se como o Projeto Pescar trabalha com esses marcadores.

Palavras-chave: Projeto Pescar, adolescentes, vulnerabilidade social.

¹ Trabalho apresentado ao curso de Psicologia do Instituto de Ensino Superior e Pesquisa (INESP), da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

² Graduanda em Psicologia do Instituto de Ensino Superior e Pesquisa (INESP), da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), em dezembro de 2014. Endereço eletrônico: F_ranciane@hotmail.com.

³ Professor orientador, docente no Instituto de Ensino Superior e Pesquisa (INESP) da Universidade do Estado de Minas Gerais (UEMG), e psicólogo. E-mail: aamartins@funedi.edu.br.

Ecomapa no Projeto Pescar: Protagonizando adolescentes

Fishing Project eco-map: Starring teenagers

Resumo: O presente artigo foi realizado através de uma pesquisa de campo com as famílias do Projeto Pescar, unidade Divinópolis (MG). O Projeto Pescar é uma organização social que tem como objetivo capacitar jovens em estado de vulnerabilidade social. A coleta de dados foi realizada com o ecomapa e genograma, instrumentos de avaliação familiar que identificam as relações e ligações da família com o meio onde ela habita. O objetivo é que, através dessas ferramentas, seja realizada uma análise de traços significativos e em comum nas famílias dos adolescentes participantes do projeto. Neste sentido, foram discutidas questões encontradas na pesquisa, como família, periferia e condição financeira. Diante desses aspectos, discutiu-se como o Projeto Pescar trabalha com esses marcadores.

Palavras-chave: Projeto Pescar, adolescente, vulnerabilidade social.

Abstract: This paper was developed from data collected in a field survey, conducted with the families of the Fishing Project, unit Divinópolis (MG). The Fishing Project and a social organization that aims to empower young people in a state of social vulnerability. Data collection was performed with the eco-map and genogram, family assessment tools that identify relationships and family bonds with the environment they inhabit. The goal is that through these tools was performed an analysis of significant traits in common in families of adolescents participating in the project. Family, periphery and financial condition: in this sense issues encountered in the survey were discussed. Considering these aspects discussed how the Fishing Project works with these markers.

Keywords: Fishing Project, teenage, social vulnerability.

INTRODUÇÃO

O Projeto Pescar é uma organização não-governamental, sem fins lucrativos e que tem como mantenedora diversas empresas públicas e privadas. Tem como objetivo capacitar jovens em estado de vulnerabilidade social, dando-lhes oportunidade de desenvolvimento pessoal, cidadania e iniciação profissional. Desenvolve as competências pessoais e profissionais de adolescentes, com vista à sua inserção, manutenção e ascensão no mundo do trabalho. (Fundação Projeto Pescar, 2014)

Nos documentos do Projeto Pescar, encontramos que esse projeto foi criado pelo empresário Geraldo Tollens Linck na década de 1970. Ele teve como inspiração um provérbio chinês que diz: “Se deres um peixe a um homem faminto, vais alimentá-lo por um dia; porém, se o ensinares a pescar, vais alimentá-lo por toda vida.” Deste modo, ele formou um grupo de adolescentes que viviam em situação de pobreza e exclusão social para que fizesse um curso em sua própria empresa. Os jovens que participam do Projeto Pescar estão na faixa etária entre 16 e 19 anos. São jovens em plena construção de sua identidade, que querem ingressar no mercado de trabalho e, por isso, buscam inserção profissional. Atualmente, são mais de 13 mil jovens atendidos pela fundação em todo o Brasil desde a criação do projeto. Com sede em Porto Alegre (RS), tem núcleos em outros Estados e unidades na Argentina e no Paraguai. Esse projeto se espalha por diversas regiões do Brasil e sempre está vinculado a alguma empresa da região.

O projeto visa o desenvolvimento dos jovens através do processo ensino-aprendizagem. Os módulos do curso são oferecidos por orientadores, articuladores e voluntários que exercem papel relevante e têm parcela significativa no crescimento pessoal e profissional desses jovens.

O Projeto Pescar tem a ideia de que o jovem é o autor e construtor de sua própria história de vida, ou seja, o protagonista, e que, através do curso, ele terá a oportunidade de se conhecer, conhecer a sociedade como um todo e o contexto social no qual está inserido, para que, assim, tenha condições de fazer escolhas saudáveis.

Para Erikson citado por Fundação Projeto Pescar (s.d.), existem três estágios do processo evolutivo: criança, adolescente e adulto. Para passar para outro estágio é preciso vivenciar a crise da mudança, do abandono à fase anterior. Por isso, a adolescência é um processo conflitivo.

O material didático utilizado pelo Projeto destaca que, para Knobel citado por Fundação Projeto Pescar (s.d., p. 9),

o processo de adolecer obriga o indivíduo a reformular os conceitos que tem a respeito de si mesmo e que o levam a abandonar sua autoimagem infantil e a projetar-se no futuro de sua vida adulta. Trata-se de um processo universal de troca, desprendimento, sempre influenciado pelas conotações externas de cada cultura, que favorecerão ou dificultarão o mesmo.

As famílias têm uma participação importante no Projeto Pescar, sendo-lhes esclarecida a responsabilização delas no processo de formação de seus jovens. Existe, deste modo, uma rede de atendimento às famílias dos adolescentes, incluindo uma oficina chamada “Treinamento de pais”. Esse treinamento se constitui em reuniões com os pais dos adolescentes inseridos no Projeto, nas quais são discutidas questões relacionadas a educação dos filhos, dificuldades encontradas e possibilidades futuras das famílias, entre outros temas. Neste sentido, o Projeto acredita que as demandas geradas pelas famílias afetam os jovens e interferem na sua participação no curso.

Segundo Bock (2001), a família é responsável pela sobrevivência física e psíquica da criança, constituindo-se como primeiro grupo de mediação do indivíduo com o mundo. É na família que ocorrem os primeiros aprendizados dos hábitos e costumes.

A função social atribuída à família é transmitir os valores que constituem a cultura, as ideias dominantes em determinado momento histórico, isto é, educar as novas gerações segundo padrões dominantes e hegemônicos de valores e de condutas. Neste sentido, revela-se o caráter conservador e de manutenção social que lhe é atribuído: sua função social (Bock, 2001, p. 285).

O Projeto Pescar tem como propósito promover a inclusão social de jovens de baixa renda, encaminhando-os ao mercado de trabalho após a preparação. Diante disso, para participar do projeto, os adolescentes devem estar em situação de vulnerabilidade social, considerando, assim, a renda, a moradia e a estrutura familiar, entre outras características.

Entende-se que vulnerabilidade articula-se com a ideia de risco que uma família ou pessoa pode correr. O Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (2009) relata que,

do ponto de vista biológico, a vulnerabilidade inclui a ideia de estar mais predisposto a que ocorra algo. E é necessário eliminar a vulnerabilidade substituindo-a por força/resistência, bem como eliminar os fatores de risco. A ideia de vulnerabilidade social indica uma predisposição à precarização, vitimização, agressão (Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, 2009, p. 34).

O Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (2009) relata, ainda, que existe uma diferença entre pobreza e vulnerabilidade social. Nem todos os que se encontram em situação de vulnerabilidade são pobres e nem todos os pobres são vulneráveis da mesma forma. A vulnerabilidade social orienta-se pelos processos, levando em consideração a estratégia que as famílias utilizam para lidar com os riscos.

Os conceitos acima apresentados fazem parte do contexto estudado; por isso, a necessidade de pontuá-los. Conhecer a família, sua estrutura, como os membros se organizam e interagem entre si e com o ambiente, os problemas de saúde, as situações de risco e os padrões de vulnerabilidade é importante para que se conheçam os adolescentes participantes do projeto.

Considerando o objetivo do presente estudo, são importantes os instrumentos que proporcionem uma síntese dos dados das famílias, observando suas dificuldades e facilidades em relação à estrutura familiar e com o meio em que vivem. Por isso, foram utilizadas ferramentas para que os dados pudessem ser coletados.

Método

O presente trabalho foi desenvolvido no Projeto Pescar – Unidade de Divinópolis (MG), vinculado a uma empresa de grande porte da região. Participam desse projeto 18 jovens do município em estado de vulnerabilidade social. A entrada neste projeto se deu por um estágio curricular realizado na unidade no período de fevereiro a novembro de 2014, o que despertou o interesse pela área de desenvolvimento social.

O objetivo deste trabalho é analisar os denominadores em comum ou traços significativos nas famílias dos adolescentes participantes desse Projeto. Para isso, foi realizada uma coleta de dados, com o intuito de conhecer as estruturas familiares e suas relações com o meio em que relações.

Este estudo utilizou dois instrumentos para a coleta de dados: o ecomapa e o genograma, que foram realizados com as famílias dos adolescentes que fazem parte do Projeto Pescar, com o objetivo de conhecer as suas relações familiares.

Ele foi realizado com 17 famílias dos adolescentes na faixa etária de 15 a 18 anos participantes do projeto na unidade de Divinópolis (MG), no período de agosto a setembro de 2014. A população foi escolhida através de um estágio com o grupo dos adolescentes participantes do projeto, no qual o pesquisador atuava como voluntário nas aulas de descoberta do eu e orientação profissional.

Foi realizado um contato com os pais desses adolescentes para que estes pudessem concordar com a pesquisa, utilizando, desta maneira, o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). As entrevistas foram semidirigidas e aconteceram na casa das famílias. Foram utilizadas, como ferramentas para coleta de dados, o ecomapa, com o intuito de verificar a estrutura relacional entre a família e o meio em que ela vive, e o genograma, para abordar as relações e os vínculos estabelecidos pelos membros. Na revisão sistemática, foi feita uma seleção de artigos e textos que tratam de assuntos envolvidos com tema, como ecomapa, genograma, vulnerabilidade social, Projeto Pescar, família, periferia e pobreza, entre outros.

O ecomapa e genograma são instrumentos de avaliação familiar que identificam as relações e ligações da família com o meio onde habitam. Segundo Agostinho (2007), o ecomapa é uma representação gráfica das relações de uma família, das pessoas e das estruturas sociais do meio em que habita. Ele identifica os padrões de organização das famílias com o meio, verificando o equilíbrio entre a necessidade e os recursos da família.

O genograma é a construção de uma árvore familiar representando a estrutura da família interna. Propicia dados sobre relações, saúde, religião e etnia. Além disso, mostra dados importantes sobre o desenvolvimento e funcionamento da família (Thumé *et al.*, 2003). Ressalte-se que o ecomapa e o genograma foram utilizados juntos.

Através das ferramentas aplicadas, buscou-se encontrar algum denominador em comum ou traços significativos nas famílias dos adolescentes participantes do Projeto Pescar, tendo como base

revisões bibliográficas e somando-se a experiência de estágio realizada durante 10 meses com os adolescentes do projeto.

O desenvolvimento de instrumentos sistematizados para a avaliação da família facilita a compreensão da estrutura, funcionamento e dinâmica familiar, compreendendo, dessa maneira, a família em seus aspectos sociais, emocionais e de saúde, podendo identificar, assim, suas potencialidades e dificuldades (Mello, 2005, p. 81).

Resultados

Diante da pesquisa realizada através do ecomapa e do genograma, foi possível verificar aspectos em comum na vida dos adolescentes do Projeto Pescar. Entre essas características, destaca-se a questão da família. Percebe-se que muitas famílias entrevistadas não seguem o modelo tradicional, compondo-se, assim, por pais separados, filhos de outros relacionamentos, mães chefes de famílias, etc. Outra questão relevante na pesquisa diz respeito às condições de moradia dessas famílias: nas visitas às casas foi possível perceber uma distância considerável dos centros urbanos; a maioria das famílias do Projeto Pescar mora em áreas periféricas, com uma infraestrutura precária, casas sem acabamento e outras questões envolvendo situações de risco (violência e tráfico de drogas, por exemplo). A questão financeira também se destacou nas entrevistas e a baixa renda foi uma reclamação da maioria das famílias. As famílias relatam que existe uma dificuldade de suprir as necessidades básicas e essa dificuldade acontece por vários fatores, como desemprego, doença na família e serviços com baixa remuneração, entre outras questões. Neste sentido, a análise dos dados encontrados será dividida em três marcadores que foram destaques na realização da pesquisa: família, periferia e condição financeira.

1. FAMÍLIA: SUAS DIFERENTES COMPOSIÇÕES

A família foi um aspecto que se evidenciou na pesquisa realizada. Suas diferentes composições foram uma característica em comum encontrada nas entrevistas. Para Bock (2001), até um tempo atrás, o modelo ideal de família consistia em pai, mãe e filhos. Sendo assim, a sociedade considerava todos os outros modelos de organização desestruturados e problemáticos. Com as mudanças sociais, esse modelo, antes considerado como certo, sofreu transformações e essa organização familiar se adaptou a novas concepções.

A família, como a conhecemos hoje, não é uma organização natural nem uma determinação divina. A organização familiar transforma-se no decorrer da história do homem. A família está inserida na base material da sociedade ou, dito de outro modo, as condições históricas e as mudanças sociais determinam a forma como a família irá se organizar para cumprir sua função social, ou seja, garantir a manutenção da propriedade e do *status quo* das classes superiores e a reprodução da força de trabalho – a procriação e a educação do futuro trabalhador – das classes subalternas (Bock, 2001, p. 328).

Essa transformação social, os avanços tecnológicos, os novos ideais e as novas concepções de mundo fizeram com que as pessoas deixassem de seguir um padrão predeterminado e começassem a fazer suas próprias vontades, formando, assim, novos modelos de família.

1.1 Novos arranjos familiares

Na pesquisa realizada, o contexto familiar se destacou por não seguir o padrão de família tradicional. Verificou-se, desta maneira, que existem muitas famílias com pais separados, com filhos de outros relacionamentos e com mães chefes de família. Diante do que foi encontrado, não há como se discutir a família no modelo tradicional. Assim, observam-se novos padrões de relações humanas e familiares.

As transições ocorridas nos âmbitos cultural, econômico, político e social têm afetado essa instituição de uma forma, talvez, jamais vista na História. Entre elas, elencamos: as mudanças demográficas, em especial a maior longevidade humana; a participação crescente da mulher no mercado de trabalho; o divórcio e as organizações familiares distintas da família nuclear tradicional; o controle sobre a procriação a partir dos anticoncepcionais; as transformações ocorridas nos papéis parentais e de gênero (Amazonas e Braga, 2006, p. 178).

Sendo assim, as mudanças no modelo familiar seguiram as transformações sociais. Considerando os novos arranjos familiares e as consequências de questões relacionadas a uma nova sociedade, devemos considerar sua transformação em todos os aspectos: cultural, econômico, estrutural, as representações de papéis, entre outros.

Relato de caso: A entrevistada A.P.S. tem 35 anos e trabalha como cobradora de ônibus, tem uma filha de 17 anos estudante do Projeto Pescar e um filho de 11 anos. Os dois filhos são de pais diferentes. Ela relata que teve um breve relacionamento com o pai da filha mais velha e engravidou, ele não assumiu a paternidade e se mudou para outra cidade e, a partir disso, eles não tiveram mais contato e a filha não chegou a conhecer o pai. Em seguida, A.P.S. se casou e teve mais um filho e o companheiro assumiu a paternidade da filha mais velha. Há três anos, a entrevistada não mora mais com o marido, e eles decidiram continuar o relacionamento em casas separadas. Sendo assim, A.P.S. mora com a filha e o marido com o filho; foi uma escolha do casal para que nenhum dos dois ficasse sozinho. Ela relata que, apesar de moraram em casas separadas, eles têm muito contato e, nos finais de semana, ficam juntos.

1.2 Filhos de outros relacionamentos

Diante destas mudanças sociais, a família teve de se adaptar. Surgiu, assim, o novo arranjo familiar que foge do modelo tradicional. Na pesquisa realizada, observou-se que, em algumas famílias, existem filhos de outros relacionamentos. Na maioria dos casos, as mães, antes de se casarem, tiveram um filho com parceiros anteriores. Existem também casos de mães que não são casadas e têm um filho de cada relacionamento passado. Em algumas famílias, o padrasto assume a função de pai, pois o pai biológico não tem contato com os filhos. Os Cadernos de Atenção Básica (Ministério da Saúde, 2013) ressaltam que a família deve ser entendida na sua complexidade, suspendendo juízo de valor e conceitos fechados ou prontos, os quais produzem uma visão crítica e reducionista.

Pode ser útil compreender a família como um sistema aberto e interconectado com outras estruturas sociais e outros sistemas que compõem a sociedade, constituído por um grupo de pessoas que compartilham uma relação de cuidado (proteção, alimentação, socialização), estabelecem vínculos afetivos, de convivência, de parentesco consanguíneo ou não, condicionados pelos valores socioeconômicos e culturais predominantes em um dado contexto geográfico, histórico e cultural (Ministério da Saúde, 2013, p. 63).

Nas entrevistas realizadas, foi possível perceber que a questão de consanguinidade não interfere na relação familiar. Muitas mães, ao fazerem o genograma, não colocaram os filhos de outros relacionamentos como sendo de outro pai. Apenas quando foram indagadas, relataram que não eram filhos biológicos dos atuais companheiros. Percebe-se, desta maneira, que a família se constitui por vínculos estabelecidos e de relações funcionais.

Relato de caso: Em uma das famílias entrevistadas, nós encontramos com F.A.L., de 45 anos. Ela é amasiada há 19 anos e mãe de dois filhos. Seu companheiro é nove anos mais novo que ela – está com 36 anos. F.A.L. conta que seu filho mais velho não é do atual companheiro; ele está com 25 anos já é casado e tem um filho. A entrevistada teve um relacionamento não estável, engravidou e o namorado não quis assumir e registrar a criança. Depois de alguns anos, começou um novo relacionamento com o atual marido e teve a filha mais nova, que está com 19 anos e é estudante do Projeto Pescar. Relata que o marido tem ótimo relacionamento com o filho mais velho e que, apesar da pouca diferença de idade entre eles, o companheiro assumiu a função de pai. F.A.L. diz, ainda, que, apesar da diferença de idade com o marido e de o filho mais velho não ser biológico do atual companheiro, isso não atrapalha na relação familiar. Ela ressalta que existem alguns conflitos, mas considera isso normal, como em qualquer outra família.

1.3 Mães chefes de família

Outro dado relevante na pesquisa é relacionado às mães chefes de família. Das entrevistas realizadas, percebe-se uma parte significativa de mães que trabalham e sustentam as famílias

sozinhas. Na maioria dos casos, as mães são separadas ou nunca tiveram um relacionamento estável.

Beirão e Perucchi (2007) relatam que o número de lares chefiados por mulheres está crescendo no Brasil. Elas estão ocupando, assim, um lugar de provedoras do sustento da família. Pode-se considerar que isso também é uma consequência dos novos arranjos familiares que contestam os modelos tradicionais.

O crescimento de famílias chefiadas por mulheres, assim como de outras configurações familiares diferentes do modelo tradicional, tem sido vertiginoso nas sociedades ocidentais, cuja organização sociocultural foi tradicionalmente pautada em um modelo patriarcal (Beirão e Perucchi, 2007, p. 59).

Neste contexto socioeconômico da realidade brasileira, junto com as novas composições familiares, as mães em busca de uma independência financeira, pela necessidade, assumiram um papel de patriarcas, antigamente conceituado apenas ao papel do homem.

Relato de caso: A entrevistada S.F.A. tem 45 anos, não é casada e tem três filhos – o mais velho com 21, o do meio com 15 e o mais novo com 7 anos. Ela relata que cada filho é de um pai diferente. Ela diz que nunca teve um relacionamento fixo e sempre se envolvia com uma pessoa e engravidava. Os pais têm pouco contato com os filhos e não ajuda financeiramente, apenas o pai do mais novo, às vezes, a ajuda com um valor abaixo do esperado. Ela trabalha como auxiliar de serviços gerais e sustenta a casa sozinha. O filho mais velho, apesar de trabalhar, não ajuda nas despesas de casa. S.F.A. se considera uma chefe da família, pois assume o papel de cuidar dos filhos, educando-os e sustentando-os financeiramente.

Cabe, aqui, ressaltar que os diferentes arranjos familiares não são a causa da vulnerabilidade social. Com isso, as estruturas familiares não são consideradas como requisito para participar do Projeto Pescar. O que deve ser considerado é o funcionamento das relações e dos vínculos estabelecidos por essas famílias – se são saudáveis e benéficos.

2. PERIFERIA: AS DISTÂNCIAS GEOGRÁFICAS E A EXCLUSÃO DOS CENTROS URBANOS

Na pesquisa realizada, foi possível verificar que uma parte significativa dos alunos do Projeto Pescar moram em áreas periféricas. Ou seja, em lugares distantes dos centros urbanos e com condições precárias de infraestruturas. Os bairros visitados consistem em poucas casas, ruas sem calçamento, com esgoto a céu aberto e com várias casas inacabadas e que são, mesmo assim, habitadas.

Para Azevedo (2012), periferia é um local com grau de afastamento de um centro, na qual há uma subalternidade face às áreas centrais e aos lugares de destinos dos habitantes pendulares.

Domingues (1994) relata que a periferia é algo além de um espaço geográfico demarcado. Sendo assim, ela passa a ser uma exclusão dos menos favorecidos, que não podem contribuir no capitalismo.

A distância ao centro e, assim, uma distância sociológica a um centro, sendo este definido pela diversidade e pela densidade das relações sociais, pela intensidade da vida cívica, pelo acesso a informação, pela aglomeração de recursos culturais, políticos, econômicos, etc. (Domingues, 1994, p. 3).

O autor ainda destaca que a mais evidente expressão de desigualdade, insuficiência e inferioridade, a qual o ser humano se submete, reflete o subdesenvolvimento, que diferencia o território e a sociedade de acordo com os ditames do capitalismo.

As periferias e as favelas podem ser definidas como marginalizadas. Isso significa que os cidadãos que ali vivem estão na margem da sociedade e do sistema, ou seja, separados de uma determinada população. Assim, pode-se dizer que os pobres são excluídos pela ditadura da divisão de classes sociais.

O valor do indivíduo depende do lugar que ele ocupa dentro de um território, criado pela modernização que impulsiona o êxito rural, o desemprego e a existência de uma enorme massa de pobres e a criação de lugares onde esses sobrevivem (Azevedo, 2012, p. 17).

Outro fator que se evidenciou através do ecomapa foi que a maioria dos entrevistados não utiliza as organizações de seu bairro. Quando precisam usar as Unidades de Saúde, escolas e igrejas, por exemplo, eles vão a bairros vizinhos, mas que não são periféricos.

O sistema criou a cidade, e nela estruturou o seu modelo, inclusive os próprios emancipadores da cidade a planejaram para atender seus propósitos de crescimento. Na ausência de um planejamento formal, desenharam o espaço sob o molde da divisão de classes (Azevedo, 2012, p. 21).

Considerando a citação acima, pode-se dizer que os pobres foram afastados dos centros. A própria sociedade criou um modo ao fazer com os menos favorecidos economicamente fossem excluídos e marginalizados. No entanto, o único modo de as famílias que moram nas periferias se tornarem visíveis é participando de organizações dos outros bairros, o que foi verificado na pesquisa.

Relato de caso: A entrevistada A.P.P.S. tem 34 anos e mora em uma periferia com seus três filhos e o marido. Sua filha mais velha, estudante do Projeto Pescar, está com 16 anos, o filho do meio tem 15 anos e mais nova está com 2 anos. Ao realizar o ecomapa, A.P.P.S. relatou que em seu bairro não tem PSF ou qualquer “ferramenta pública”. As únicas ferramentas que existem na localidade são a igreja e comércio. A entrevistada conta que não participa da missa do bairro; sempre vai a um bairro próximo, mas não periférico. Ela diz que não compra nada em seu bairro e que sempre que precisa de algo como supermercados, PSF, igreja, entre outros, vai até o bairro mais próximo. Seus filhos estudam em uma escola pública da área central da cidade. A.P.P.S. não sabe explicar por que não participa das organizações de seu bairro; ela relata apenas que gosta de ir ao outro bairro.

3. CONDIÇÃO FINANCEIRA: AS DIFICULDADES PERANTE AS NECESSIDADES

Através da pesquisa realizada, foi possível perceber, nos relatos dos entrevistados, uma queixa acerca das condições financeiras. Muitas famílias vivem em situação economicamente baixa e o dinheiro que recebem por mês cobre apenas as necessidades básicas. Elas relatam que não conseguem atender as demandas dos filhos e que isso lhes causa um dano emocional.

O relato dos entrevistados de dificuldade financeira é algo esperado, já que um dos critérios para selecionar adolescentes do Projeto Pescar é a renda familiar. Considerando a média de três moradores por casa, é de cerca de R\$362,00 por integrante da família (Relatório de Atividades do Projeto Pescar, 2013). Portanto, o Projeto considera a questão econômica uma causadora de vulnerabilidade social.

Para Rodrigues *et al.* (2011), a pobreza pode ser vista em quatro leituras: o pobre como marginal; o pobre como explorado; o pobre como dependente; e o pobre como desafiado. O primeiro, pobre como marginal, considera que é pobre porque está mal socializado ou socializado em uma subcultura diferente das pessoas com sucesso. No segundo, é pobre porque é explorado pela classe dominante. O terceiro, o pobre é dependente porque não tem autonomia nem sucesso e também não tem um capital social suficiente. Por fim, o pobre é desafiado porque está isolado e não tem sucesso porque não participa da organização social.

Essas leituras devem ser consideradas juntas porque o pobre é, ao mesmo tempo, marginal, explorado, dependente e desafiado. Sendo assim, são considerados vulneráveis.

As autoras consideram que a renda constituiu um elemento da vulnerabilidade, junto com outras questões, como idade, sexo, etnia e raça, entre outras.

O conceito de vulnerabilidade ressalta que os eventos que vulnerabilizam as pessoas são determinados por aspectos de natureza econômica e por outros fatores como a fragilização dos vínculos afetivo-relacionais e de pertencimento social (discriminações étnicas, de gênero ou por deficiência) ou vinculadas à violência, à representação política, dentre outros, que também afetam as pessoas (Rodrigues *et al.*, 2011, p 5).

Para o Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome (2009), a ideia de vulnerabilidade social indica uma predisposição à precarização, à vitimização e à agressão. Sendo assim, o Ministério classifica a questão econômica como um fator de vulnerabilidade, mas não como principal.

Numa sociedade complexa, a vulnerabilidade social não é só econômica, ainda que os de menor renda sejam mais vulneráveis pelas dificuldades de acesso aos fatores e condições de enfrentamento a riscos e agressões sociais (Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, 2009, p. 33).

Relato de caso: A entrevistada A.M.S. tem 49 anos, é separada e mora em uma periferia com dois filhos, B.A.S., de 21 anos, e B.R.P., de 16 anos, aluna do Projeto Pescar. Durante a entrevista, ela relatou que está passando por dificuldades financeiras e está afastada do serviço por ter feito uma cirurgia. No entanto, não está recebendo do INSS. O filho mais velho não trabalha e a filha apenas estuda. O ex-marido é aposentado por doença mental e seu benefício é baixo. A única renda que a família tem é a pensão no valor de R\$250,00 que o ex-companheiro paga à filha mais nova. Ela disse que sua situação é difícil, pois já não consegue mais trabalhar por problemas de saúde, mas a Previdência Social não aprovou seu afastamento. A entrevistada ainda relatou que cortaram o Bolsa Família quando ela se separou do marido; eles alegaram que, por ter apenas três pessoas em casa, não seria possível a continuação do benefício. A família se encontra nessa situação há quatro meses.

Como o Projeto Pescar responde a esses marcadores?

A Fundação Projeto Pescar tem o objetivo de integrar os jovens em situação de vulnerabilidade social com o mundo do trabalho. Sendo assim, oferece cursos socioprofissionalizantes gratuitos, ou seja, qualificação técnica e conhecimentos específicos, habilidades e atitudes para os adolescentes. Desta maneira, 60% da carga horária contemplam ações que exercitam o protagonismo juvenil e as competências básicas para o trabalho, com conteúdos de desenvolvimento pessoal e cidadania (Relatório de Atividades do Projeto Pescar, 2013).

A família tem papel fundamental na proposta do Projeto. Ampliando a convivência comunitária e fortalecendo o vínculo com todos os envolvidos na formação pessoal e profissional dos filhos, a família ajuda o projeto a se tornar mais eficiente, trazendo resultados satisfatórios no desenvolvimento dos jovens. Sendo assim, o Projeto Pescar (Relatório de Atividades do Projeto Pescar, 2013) tem o objetivo de garantir o protagonismo das famílias e dos indivíduos atendidos, de forma a superar as condições de vulnerabilidade e a prevenir situações que indicam risco potencial.

Neste sentido, são realizadas reuniões chamadas “Treinamento de pais”. Os encontros abordam diferentes temas relacionados à família, como convivências com os filhos, dificuldades, objetivo para futuro, psico-educação, entre outros. É importante ressaltar que nas reuniões são discutidas demandas trazidas pelos pais e os temas são embasados em suas próprias vivências.

Em relação à condição financeira das famílias, o projeto estimula o protagonismo dos jovens. Nas Unidades, são desenvolvidas questões que se baseiam em resolver situações-problema criadas pelos educadores sociais, para que eles desenvolvam habilidades e estratégias que lhes proporcionem a apreensão de novos conhecimentos.

Desenvolvendo nos adolescentes a capacidade de aprender a aprender, habituando-os a determinar por si próprios as respostas às questões que os inquietam, sejam elas escolares ou da vida cotidiana, ao invés de esperar uma resposta pronta, trabalha-se no dia a dia o protagonismo juvenil (Relatório de Atividades do Projeto Pescar, 2013).

Assim, além de o projeto desenvolver capacitação profissional dos jovens, trabalha a questão de os próprios adolescentes serem responsáveis por seus futuros, colocando-o como protagonistas de sua própria história.

O Relatório de Atividades do Projeto Pescar (2013) ressalta que a realização do programa no interior de uma determinada empresa ajuda os jovens a conhecerem o universo empresarial, mostrando que é possível ter uma realidade diferente daquela que eles vivenciam. Em dez meses de capacitação, o jovem se sente mais fortalecido para iniciar sua própria trajetória profissional.

A média de alunos que ingressam no mercado de trabalho após a conclusão do curso é de 75% dos jovens. Desta forma, o Relatório de Atividades do Projeto Pescar (2013) destaca que o alto índice de satisfação com a capacitação, somado ao aumento da escolaridade e ao impacto do salário que cada jovem, em média de R\$908,12 por mês, passa a receber após a conclusão do curso, melhora a qualidade de vida dessas famílias. O Projeto Pescar acredita que, através do curso, acontece um impacto social ampliado.

Ao abrir a porta de suas empresas para os jovens em situação de vulnerabilidade social ou realizar o seu investimento social na Fundação Projeto Pescar, as organizações parceiras criam espaço para a promoção de relações socialmente mais justas e fazem a diferença na vida da comunidade de seu entorno (Relatório de Atividades do Projeto Pescar, 2013).

Quando o Projeto Pescar investe nos adolescentes, ele acredita que o retorno se dá não apenas na família deles, mas na sociedade em geral. Para um adolescente que mora na periferia, como é o caso da maioria apresentada nos dados da pesquisa, com uma condição financeira baixa e que tem a oportunidade de se capacitar dentro de uma empresa, este jovem leva para sua localidade uma perspectiva de mudança, exercendo, assim, um papel ativo no próprio desenvolvimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa realizada através do ecomapa foi essencial para analisar as estruturas familiares internas dos adolescentes participantes do Projeto Pescar e também suas relações com o meio em que vivem. Essa ferramenta ajudou a encontrar um aspecto em comum nessas famílias, levando, assim, a uma discussão sobre alguns conceitos importantes na vida de um adolescente.

Percebeu-se que o conceito de família foi apresentado de maneira diferente do que era antigamente. Os novos arranjos familiares são um aspecto comum na vida dos adolescentes. O modelo “tradicional” já não é mais considerado como um objetivo, e isso faz com que as pessoas tenham a liberdade de vivenciar suas realidades.

Através da pesquisa, foi possível verificar que viver na periferia é outra característica em comum dos adolescentes. A maioria mora em lugares distantes do centro e em situação de precariedade. É importante ressaltar que, mesmo morando em bairros periféricos, as famílias não participam das organizações de seus bairros. Podemos, assim, pensar na questão da exclusão. Ou seja, o capitalismo afasta as famílias que não podem contribuir socialmente para longe, mas eles, de alguma maneira, tentam se inserir nos centros urbanos.

Outra questão relevante diz respeito às condições financeiras dessas famílias – uma parte significativa sobrevive com pouco recurso. É importante ressaltar que a questão financeira não é o

único aspecto que vulnerabiliza uma família; há outras questões envolvidas. No entanto, ela tem sua contribuição para que a vulnerabilidade social ocorra.

O Projeto Pescar, ao selecionar um adolescente, verifica suas condições de vulnerabilidade social, e, assim, considera que esses aspectos acima podem conduzir a essa vulnerabilidade. Portanto, essas características já eram esperadas na pesquisa. Mas, através disso, foi possível discutir questões diferentes, para além das características esperadas. É o caso dos novos modelos de família, da inserção nos centros urbanos, da exclusão das famílias pelo capitalismo e dos aspectos da vulnerabilidade social, entre outros.

Foi possível também discutir como o Projeto Pescar trabalha com esses marcadores. Percebeu-se que o jovem, quando ingressa no projeto, recebe, além da formação profissional, uma capacitação pessoal, de cidadania, que o acompanhará para qualquer lugar.

REFERÊNCIAS

- Agostinho, Manuela. (2007). Ecomapa. Recuperado em 15 setembro, 2014, de http://eventos.fecam.org.br/arquivosbd/paginas/1/0.965770001366389772_ecomapa.pdf.
- Amazonas, M. C. L. A. & Braga, M. G. R. (2006). Reflexões acerca das novas formas de parentalidade e suas possíveis vicissitudes culturais e subjetivas. *Agora*. V. 9., n. 2, Rio de Janeiro, Jul./Dec. Recuperado em 12 setembro, 2014, de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1516-14982006000200002_
- Apostila do Projeto Pescar. Descoberta do eu. (s.d.).
- Azevêdo, Kalynne Thayanna Silva de. (2012). Pobreza, marginalização e segregação socioespacial: uma visão teórica das periferias urbanas. Recuperado em 15 setembro, 2014, de <http://dspace.bc.uepb.edu.br:8080/jspui/bitstream/123456789/1625/1/PDF%20-%20Kalynne%20Thayanna%20Silva%20de%20Azev%C3%AAdo.pdf>.
- Beirão, A. M. & Perucchi, J. (2007). Novos arranjos familiares: paternidade, parentalidade e relações de gênero sob o olhar de mulheres chefes de família. *Psicologia Clínica*. V. 19, n. 2. Rio de Janeiro, Dec. Recuperado em 15 setembro, 2014, de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-56652007000200005.
- Bock, Ana Mercês Bahia (2002). *Psicologias: uma introdução ao estudo de Psicologia*. 13 ed. São Paulo: Saraiva.

Domingues, Álvaro. (1994). (Su)búrbios e (Su)urbanos – O mal-estar da periferia ou a mistificação dos conceitos? Recuperado em 15 setembro, 2014, de <http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/1588.pdf>.

Fundação Projeto Pescar. (2014). Recuperado em 23 setembro, 2014, de <http://www.projetopescar.org.br>.

Mello, Francisco. (2005). Projeto Pescar: educando para cidadania. Recuperado em 15 setembro, 2014, de <http://guaiba.ulbra.br/seminario/eventos/2008/artigos/administracao/391.pdf>.

Ministério da Saúde. (2013). *Cadernos de Atenção Básica*. Brasília: Secretaria de Atenção à Saúde.

Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome. (2009). *Concepção e gestão da proteção social não contributiva no Brasil*. Brasília.

Relatório de Atividades do Projeto Pescar. (2013).

Rodrigues, M., Gonçalves, M. E., Teixeira, G. E. (2011). Indicadores de vulnerabilidade e risco social para as famílias pobres cadastradas no Ministério de Desenvolvimento Social, no município de Montes Claros (MG). Recuperado em 13 setembro, 2014, de http://www.bnb.gov.br/content/aplicacao/eventos/forumbnb2011/docs/2011_indicadores_.

Thumé, E., Dilelio, A. S., Van Ende, R. de B., Marques, C. C., Oliveira, T. A., Costa, C. M. (2003). Cuidado domiciliar no Programa de Saúde da Família: a utilização de novos instrumentos para subsidiar a prática. Recuperado em 13 setembro, 2014, de http://eduem.uem.br/ojs/index.php/CiencCuidSaude/article/view/5571_